

A contribuição de Berta Gleizer Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX: cultura material, arte visual e uso social da tecnologia indígena

Berta Gleizer Ribeiro's contribution to Brazilian Anthropology in the 20th century: material culture, visual art and social use of Indigenous technology

BIANCA LUIZA FREIRE DE CASTRO FRANÇA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar a vida e a obra de Berta Gleizer Ribeiro, destacando suas contribuições para a antropologia brasileira ao longo do século XX. Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997) foi uma antropóloga romeno-brasileira de origem judaica, formada em geografia e história, além de atuar como antropóloga, etnógrafa e museóloga. Sua trajetória foi marcada por contribuições significativas para a antropologia brasileira, sobretudo no campo dos estudos sobre cultura material e arte visual dos povos indígenas, bem como nos estudos sobre adaptabilidade humana, uma temática central para a antropologia ecológica. Berta utilizava os estudos sobre cultura material e arte visual como eixo principal para levantar questões acerca da contribuição indígena para uma exploração mais sustentável dos recursos naturais, fundamentada nos etnosaberes¹ indígenas. Esses saberes envolviam manejo hídrico e agrícola, domínio da astronomia, etnobotânica, etnofarmacologia e conhecimentos profundos sobre a fauna e a flora, além de tecnologias indígenas associadas às “artes da vida”, como a cerâmica, a fiação, a tecelagem, o trançado e a plumária. Seu legado reúne os conhecimentos mais avançados de sua época sobre a floresta amazônica e seus povos originários. Ao longo de sua carreira, Berta atuou também na formação de coleções para museus brasileiros, foi idealizadora e curadora de exposições, pesquisadora, escritora, produtora audiovisual, militante da causa indígena e uma ativa divulgadora científica. Sua obra oferece um campo fértil para estabelecer diálogos com os estudos contemporâneos da antropologia da materialidade e com as pesquisas voltadas à vida vegetal, reafirmando a relevância de seu pensamento para compreender as interações entre os saberes dos povos originários e as questões ambientais atuais.

Palavras-chave: antropologia brasileira; etnologia indígena; tecnologia indígena.

¹ Nota da edição: segundo a lógica do Acordo Ortográfico de 2009, a grafia correta seria etnossaberes, mas o uso predominante nos trabalhos desse campo é o adotado pela autora neste artigo (etnosaberes).

ABSTRACT

This article aims to explore Berta Gleizer Ribeiro's life and work, focusing on her contributions to Brazilian anthropology throughout the 20th century. Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997) was a Romanian-Brazilian anthropologist of Jewish origin. With a background in geography and history, she worked as an anthropologist, ethnographer, and museologist. Her career contributed significantly to Brazilian anthropology, particularly in material culture and visual arts of Indigenous peoples, and studies on human adaptability, a central theme in ecological anthropology. Berta used studies on material culture and visual arts as the main axis to raise questions about the Indigenous contribution to more sustainable exploitation of natural resources, grounded in traditional knowledge (ethnoknowledge). This knowledge encompassed water and agricultural management, expertise in astronomy, ethnobotany, ethnopharmacology, and a deep understanding of fauna and flora, in addition to Indigenous technologies associated with the "arts of life" such as pottery, spinning, weaving, braiding, and featherwork. Her legacy brings together the most advanced knowledge of her time about the Amazon rainforest and its Indigenous peoples. Throughout her career, Berta also worked on the formation of museum collections in Brazil, served as the creator and curator of exhibitions, and was also a researcher, writer, audiovisual producer, advocate for Indigenous rights, and an active science communicator. Her work provides a fertile ground for establishing dialogues with contemporary studies in the anthropology of materiality and research focused on plant life, reaffirming the relevance of her ideas in understanding the interplay between traditional knowledge and current environmental issues.

Key words: Brazilian anthropology; indigenous ethnology; indigenous technology.

INTRODUÇÃO

Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997) tinha formação em geografia e história, além de atuar como antropóloga, etnógrafa e museóloga, com registro profissional no Conselho de Museologia do Rio de Janeiro. Ao longo de sua carreira, formou coleções para museus brasileiros, idealizou exposições, realizou pesquisas, escreveu obras importantes, produziu materiais audiovisuais e destacou-se como militante da causa indígena e divulgadora científica.

Realizou pesquisas e estudos em diversos campos do conhecimento, incluindo antropologia, museologia, arqueologia, etnobiologia e história. Suas contribuições para a antropologia brasileira sintetizam os conhecimentos mais avançados de sua época sobre a floresta tropical amazônica e os povos originários. Berta utilizou os estudos de cultura material e arte visual dos indígenas brasileiros como eixo principal para discutir a contribuição desses povos para uma exploração mais sustentável dos recursos naturais, fundamentada nos etnosaberes indígenas. Esses saberes incluem o manejo hídrico e agrícola, o domínio da astronomia, etnobotânica e etnofarmacologia, bem como o

conhecimento detalhado sobre a fauna e a flora. Ela destacou as tecnologias indígenas vinculadas às “artes da vida” — expressão frequentemente empregada por Berta em suas obras (Ribeiro, Berta G. 1980; 1986b; 1992b).

Berta expandiu a concepção de Lewis Henry Morgan sobre as “*arts of life*” (Morgan, 1877), que compreendiam a cerâmica, o trançado, a fiação e a tecelagem como técnicas fundamentais para o manejo de recursos naturais. Ela incluiu a arte plumária como uma quarta “arte da vida indígena”, ampliando a visão sobre as práticas tecnológicas e artísticas dos povos indígenas brasileiros.

Além de suas reflexões teóricas, Berta deixou um legado prático para os estudos sobre objetos encontrados em aldeias indígenas e preservados em museus, com suas taxonomias e dicionários. Ela demonstrou, com profundidade, como os saberes indígenas oferecem valiosas lições sobre sustentabilidade, convivência harmoniosa com o meio ambiente e respeito à natureza.

Na docência, Berta destacou-se como professora da área de concentração em antropologia da arte no Mestrado em História da Arte (atualmente Programa de Pós-graduação em Artes Visuais) da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua metodologia docente estava alinhada às pesquisas sobre cultura material realizadas no final da década de 1980, conectando artefatos às sociedades que os produziram, bem como aos acervos museológicos. Ela abordava questões relacionadas à etno-história, etno-estética², organização social, representação visual e identificação étnica (Grupioni, 2008).

Como museóloga, Berta compreendia os museus como espaços pedagógicos com objetivos didáticos, científicos, político-polêmicos e, simultaneamente, como locais de lazer e reflexão (Ribeiro, Berta G., 1989a). Suas exposições carregavam uma perspectiva otimista de um futuro em que os povos indígenas desempenhariam um papel central na construção de uma sociedade mais harmoniosa. As coleções que organizou documentavam as práticas produtivas e sociais indígenas e incluíam descrições detalhadas dos objetos coletados, evidenciando a tecnologia envolvida em sua produção.

Como divulgadora científica, Berta se dedicou a traduzir o conhecimento antropológico para uma linguagem acessível ao público geral. Escreveu textos para revistas como *Ciência Hoje* e *Ciência Hoje das Crianças* (Ribeiro, Berta G., 1991c; Ribeiro, Berta G.

² Nota da edição: conforme a lógica do Acordo Ortográfico de 2009, a grafia desse termo não teria o hífen (etnoestética), mas o uso predominante nesse campo de estudos é o adotado por este artigo.

e Kênhíri, 1991, 1987) e produziu livros voltados para professores do ensino médio (Ribeiro, Berta G., 1983b; 1987c).

Berta revisou e atualizou constantemente seus escritos, estabelecendo pontes entre suas reflexões e a antropologia contemporânea. Sua obra é marcada por etnografias, análises e práticas que continuam a inspirar e provocar diálogos com a antropologia contemporânea, principalmente os estudos sobre cultura material e o lugar social dos objetos enquanto expressões culturais (Appadurai, 2008; Gonçalves, 2007; Clifford, 1985); e com os estudos sobre as relações dos povos indígenas com o meio ambiente e a vida vegetal (Shiratori, 2020; Moran, 1994). O trabalho de Berta valorizou a tecnologia produtiva (cultura material) como forma de adaptação ecológica, coesão social e sustentação identitária.

O principal objetivo deste artigo é abordar a vida e a obra de Berta Gleizer Ribeiro destacando suas contribuições para a antropologia brasileira ao longo do século XX. Devido ao curto espaço de um artigo acadêmico, este texto não se propõe a um estudo aprofundado sobre o vasto material produzido por Berta ao longo de sua carreira³, mas aborda algumas produções da antropóloga que podem ser consideradas como as mais conhecidas entre seus textos, livros e artigos. Não se trata de um artigo formado por um conjunto de resenhas, e sim pequenos apontamentos sobre as contribuições de Berta para os estudos nas áreas da cultura material, arte visual e ecologia.

Refletir sobre a trajetória de Berta Ribeiro é também um convite para reconhecer e valorizar o papel das mulheres na construção das ciências sociais na América Latina, um aspecto ainda pouco explorado na história intelectual da região.

1. UMA VIDA CHEIA DE DESPEDIDAS E RECOMEÇOS

Bertha Gleizer nasceu em 2 de outubro de 1924, em Beltz, na região da Moldávia, anexada à Romênia em 1918. De origem judaica, era a filha mais nova do sindicalista Motel Gleizer e de sua esposa Rosa Sadovnic Gleizer; tinha uma irmã Genny. De acordo com Amorim (1998), a família enfrentava uma grave crise financeira e, em meio ao ambiente hostil para judeus comunistas na Europa Oriental, Motel Gleizer decidiu emigrar para o Brasil em 1929, na esperança de se estabelecer e posteriormente trazer a esposa e as filhas.

³ Para ler um estudo profundo sobre a contribuição de Berta Gleizer Ribeiro para a Antropologia brasileira no século XX, ver a tese de França (2023).

No Brasil, Motel Glazer fixou-se no Rio de Janeiro, onde trabalhou como comerciante. Integrado à comunidade judaica da Praça Onze, atuou como redator do semanário judeu *O Começo*. Na Europa, no entanto, sua esposa não suportou as privações enfrentadas e cometeu suicídio. Em 1932, com a ajuda da *Jewish Colonization Association*, as irmãs Bertha (oito anos) e Genny (15 anos) foram trazidas ao Brasil e reunidas ao pai. Foi na chegada ao país que Bertha abandonou o “h” do nome, passando a assinar “Berta”.

Apesar do aparente recomeço, a segurança e o acolhimento da comunidade judaica da Praça Onze não duraram muito.

Genny, já adaptada à língua portuguesa, trabalhava em uma fábrica em São Paulo quando foi acusada de envolvimento na organização de um congresso da juventude comunista, da qual seria militante. Em julho de 1935, aos 17 anos, foi presa e, em outubro, deportada para a França no navio *Aurigny*. Em terras francesas, foi resgatada por membros do Partido Comunista Francês que atuavam no cais do porto. Após passar pela Venezuela e se casar com um boliviano, Genny, que adotou o nome Jenny Simoza, teve uma filha chamada Renéé (1942-1990). Posteriormente, mudou-se para Nova York, onde viveu até sua morte em 1999 (Callado, 2016).

Segundo Dines (2008), Motel Gleizer foi preso em 26 de novembro de 1935, junto com outros militantes, durante uma operação policial que visava dismantelar centros operários judaicos no Rio de Janeiro, incluindo a redação de *O Começo*. Motel foi deportado em 1936. Na França, enfrentou extrema pobreza e problemas de saúde, vagando por Paris em busca de sua filha Genny, a quem nunca conseguiu reencontrar. Ele faleceu em condições precárias, segundo Amorim (1998)⁴.

Órfã aos 11 anos, Berta permaneceu no Rio de Janeiro sob uma tutela informal do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que se manifestava por meio de apoio financeiro e, mais tarde, por interferências em sua vida pessoal, incluindo seu relacionamento com Darcy Ribeiro (1922-1997), com quem foi casada de 1948 a 1974. Algum tempo após a deportação de seus familiares, Berta foi enviada para São Paulo, onde passou a viver com pessoas da família Fridman, parentes de seu pai.

Segundo Amorim (1998), Berta vivia escondida para evitar ser identificada como filha de Motel Gleizer e irmã de Genny, temendo ser deportada para a Romênia, onde não tinha parentes. Aprendeu a ler e escrever de forma clandestina, ingressando na escola

⁴ Nota da edição: sobre aspectos da trajetória de Berta, seu pai e sua irmã, ver também, neste mesmo volume: CALLADO, Ana Arruda. (2024). Da Bessarábia às margens do Rio Tiquié: a busca por uma família. Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política, vol. 25, nº 3, set.-dez. 2024.

regular apenas mais tarde. Frequentou um curso de alfabetização para adultos no Centro do Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo, matriculou-se na Escola do Comércio Álvares Penteado, onde realizou o curso técnico de Contabilidade e aprendeu datilografia. A prática de datilografar tornou-se uma habilidade que Berta levaria consigo ao longo da vida, usando a máquina para escrever não apenas sua própria obra, mas também datilografar grande parte dos escritos de Darcy Ribeiro.

Em 1940, aos 16 anos, Berta conseguiu um emprego como datilógrafa e mudou-se para um quarto em uma pensão, onde passou a morar sozinha. Amorim (1998) afirma que esse foi um dos momentos mais felizes de sua vida, pois, embora enfrentasse dificuldades, sentia-se finalmente livre e independente, após anos vivendo em casas de conhecidos. Foi por meio da datilografia que Berta começou a registrar sua própria história e dar os primeiros passos em direção à construção de seu futuro.

2. BERTA E DARCY RIBEIRO: ANTROPOLOGIA E AFETO

A jovem datilógrafa Berta Gleizer conheceu Darcy Ribeiro, então estudante da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, durante um comício do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1946. Pouco tempo depois, Berta foi enviada ao Rio de Janeiro para trabalhar na sede do Comitê Central do PCB, segundo Callado (2016). Quando o partido descobriu o relacionamento entre Berta e Darcy, ela foi enviada para Nova York, onde passou uma temporada com sua irmã Genny.

Ao retornar dos Estados Unidos, Berta foi diretamente ao encontro de Darcy, que estava no Pantanal Matogrossense realizando trabalho de campo com os indígenas Kadiwéu. Eles se casaram em 15 de maio de 1948, no Rio de Janeiro, com a presença das testemunhas Max Boudin (1914-1991) e Mário Ribeiro (1924-1999), irmão de Darcy. Naquela época, Darcy havia sido recentemente admitido na Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). De acordo com Callado (2016, p. 27), Berta e Darcy eram “companheiros na política e na antropologia.”

Após o casamento, Berta adotou o nome Berta G. Ribeiro e passou a acompanhar Darcy em suas expedições antropológicas, auxiliando na organização e datilografia do material coletado. “De seu amor por Darcy adveio a paixão pela antropologia, despertada nas primeiras expedições do marido entre 1949 e 1951” (Amorim, 1998, p. 35). Em 1948 e 1949, o casal realizou expedições entre os Kadiwéu, Guaraní Kaiowá, Terena e Ofaié-Xavantes, no sul do Mato Grosso.

Motivada pelo desejo de compreender melhor as culturas indígenas, Berta matriculou-se, em 1950, no curso de bacharelado em história e geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal (atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj)⁵. Formou-se em 1953, ano em que começou a lecionar geografia do Brasil no Instituto Lafayette, uma renomada instituição de ensino no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, iniciou um estágio na Divisão de Antropologia do Museu Nacional, onde começou a se dedicar à classificação dos adornos plumários dos indígenas brasileiros.

Berta demonstrava especial interesse por trabalhos que envolvessem classificações e taxonomias, fundamentais para a prática antropológica. Para ela, a construção de instrumentos operativos, como dicionários de técnicas e formas ou classificações tipológicas, era uma etapa essencial para o estudo da cultura material (Ribeiro, Berta G., 1985a). Sua dedicação resultou na produção de manuais classificatórios amplamente utilizados por pesquisadores e museus etnográficos. Um exemplo notável é o Dicionário do Artesanato Indígena (Ribeiro, Berta G., 1988), que permanece uma referência fundamental na área.

Em 1957, Berta recebeu o Prêmio João Ribeiro, da Associação Brasileira do Livro (ABL), pelo ensaio *Arte plumária dos índios Kaapor*, escrito em colaboração com Darcy Ribeiro. Nesse mesmo ano, participou do Simpósio Internacional de Curare e Substâncias Curarizantes, realizado no Museu Nacional, sendo responsável pela exposição de armas e ferramentas usadas na manipulação do curare⁶.

No ano seguinte, Berta precisou interromper suas atividades no Museu Nacional devido à transferência para Brasília, acompanhando Darcy, que havia sido convidado por Juscelino Kubitschek (1902-1976) para organizar a Universidade de Brasília (UnB). Em Brasília, Berta tornou-se uma importante colaboradora de Darcy, atuando como seu “braço operacional”.

Durante a ditadura civil-militar brasileira (1964–1985), o casal foi exilado, vivendo no Uruguai, Venezuela, Chile e Peru. No exílio, Berta desempenhou papel central nos

⁵ Nota da edição: não confundir com a Universidade do Distrito Federal que tinha sido criada por Anísio Teixeira em 1935 (Mendonça, 2000) e que existiu apenas até 1939.

⁶ Conforme o dicionário Michaelis (2005), a definição de curare é: “denominação comum a preparados, essencialmente vegetais, de ação paralisante, compostos de substâncias extraídas de plantas da família das estricnáceas e menispermáceas, especialmente dos gêneros *Strychnos* e *Chondrodendron*, de cor vermelho-escura e aspecto resinoso, usados pelos indígenas da região amazônica para envenenar flechas; ervadura, ervagem, ticuna, voorara.

trabalhos de Darcy, auxiliando na elaboração de suas principais obras, como a coleção *Estudos de Antropologia da Civilização e A Universidade Necessária*. Ela também contribuiu na formulação do conceito de “transfiguração étnica”⁷ (Ribeiro, Darcy, 1977), um estudo inovador sobre os processos culturais no Brasil (Pacheco de Oliveira, 2020).

No Peru, Berta retomou os estudos, participando da Oficina de Socialização, onde conduziu uma pesquisa sobre estrutura familiar e socialização, intitulada “Crianças trabalhadoras: trabalho e escolaridade de menores em Lima”. Embora não tenha concluído sua dissertação devido ao retorno ao Brasil, apresentou os resultados na X Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Berta voltou ao Brasil em 1974, em meio a uma crise matrimonial com Darcy. Após o divórcio, eles ainda colaboraram na coletânea *Suma Etnológica Brasileira*, publicada em 1986, uma tradução e atualização do *Handbook of South American Indians* (Steward, 1948a; 1948b). Apesar da separação, ambos se reaproximaram no final da vida, compartilhando momentos de pacata convivência e amor renovado.

Conforme Darcy relatou em *Confissões* (Ribeiro, Darcy, 2012), Berta, que não era judia ativa, desejava ser cremada, mas, após sua morte em 17 de novembro de 1997, foi enterrada no Cemitério Comunal Israelita, no bairro do Caju, no Rio de Janeiro. O enterro foi providenciado por sua irmã Genny, de Nova York, em desrespeito ao desejo de Berta. Amigos próximos se recusaram a comparecer à cerimônia, em forma de protesto. Berta frequentemente afirmava sentir-se pertencente ao povo Desana, com quem trabalhou intensamente e a quem dedicou grande parte de sua produção intelectual.

⁷ O conceito de “transfiguração étnica” que é apresentado no livro *Os índios e a civilização*, publicado na década de 1970, é a forma pela qual os povos surgem e se transformam através de forças biológicas, como as doenças e mudanças genéticas, e ecossociológicas, que são as mudanças de seu *habitat* e tecnologias produtivas (ex.: o afastamento dos povos indígenas de suas terras devido à ocupação pelo agronegócio). O antropólogo João Pacheco de Oliveira (2020) apresenta uma análise sobre o conceito, afirmando que deve ser entendido não como um estado, mas como um processo adaptativo pelo qual os indígenas que sobrevivem ao extermínio permanecem indígenas “já não nos seus hábitos e costumes, mas na autoidentificação como povos distintos do brasileiro e vítimas de sua dominação” (Ribeiro, Darcy, 1977, p. 8 *apud* Pacheco de Oliveira, 2020, p. 28).

3. UMA TRAJETÓRIA DEDICADA ÀS ARTES DA VIDA INDÍGENA

Já divorciada, em 1975, após prestar consultoria ao projeto do Centro de Documentação Etnológica e Indigenista do Museu do Índio, dirigido por Carlos de Araújo Moreira Neto, Berta ingressou na editora Paz e Terra como assistente da Direção. Na editora, colaborou com a coleção Didática, desenvolvendo contatos e facilitando a publicação de importantes autores latino-americanos no Brasil, como o uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015). Além disso, manteve uma intensa colaboração com a Biblioteca Ayacucho, fundada pelo amigo Ángel Rama (1926-1983)⁸.

Em 1977, Berta retornou ao Museu Nacional com uma bolsa de pesquisa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Por meio dessa bolsa, integrou o subprojeto *Corpus Etnográfico do Alto Xingu*, parte do projeto *Etnografia e Emprego Social da Tecnologia Indígena e Popular*, coordenado por Maria Heloísa Fénelon Costa (1927-1996)⁹, então curadora do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional.

Berta e Heloísa estabeleceram uma parceria produtiva ao longo de suas carreiras. Segundo Veloso Jr. (2021), a colaboração entre as duas começou em 1956, quando Heloísa, ainda estagiária no Museu do Índio, iniciava sua formação antropológica, enquanto Berta era naturalista contratada do Setor de Etnologia do Museu Nacional. Na época, Heloísa chegou a fazer ilustrações para as publicações de Berta e Darcy Ribeiro (Ribeiro, Berta G. & Ribeiro, Darcy, 1957; Ribeiro, Berta G., 1957).

Embora tenham seguido trajetórias diferentes, seus caminhos frequentemente se cruzaram, sobretudo em pesquisas sobre arte e artesanato indígena, além de classificações museológicas de materiais etnográficos. Em 1977, Heloísa contratou Berta para o Setor de Etnologia do Museu Nacional. Posteriormente, publicou artigos na *Suma Etnológica Brasileira* (Costa & Malhano, 1986; Costa, 1986).

⁸ Em Coelho e Rocca (2015), é explorada a troca de cartas entre Berta, Darcy Ribeiro e o crítico literário uruguaio Ángel Rama. No livro, através das cartas trocadas entre os três atores, é possível ver a angústia de Darcy por estar exilado durante a ditadura civil-militar brasileira e a gratidão aos amigos uruguaios pela acolhida. Nas cartas, Rama compartilha com o casal Ribeiro os desafios da montagem da Biblioteca Ayacucho.

⁹ Maria Heloísa Fénelon Costa: pesquisadora, especialista em arte indígena, formada em Belas Artes. Foi curadora do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional entre 1961 e 1986. Ver: Faria (1996) e Veloso Jr. (2021).

As duas dividiram a coordenação de um Grupo de Trabalho durante a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) de 1986 e participaram de bancas de concursos acadêmicos uma da outra: Berta integrou a banca para professora titular de Heloísa, enquanto Heloísa compôs a banca que aprovou Berta como professora adjunta em Etnologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1988.

Berta lecionou no curso de pós-graduação em História da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ, junto com Heloísa, nas disciplinas “Arte indígena no Brasil” e “Cultura material e arte étnica”. Sua especialidade em cultura material e artes visuais indígenas contribuiu para a formação de diversos alunos. Apesar de aprovada em concurso público no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, sua produção foi mais aproveitada na área de história da arte, já que suas temáticas não estavam alinhadas aos interesses predominantes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.

Segundo Amorim (1998), Berta, sempre dedicada, obteve sucessivas bolsas de pesquisa que garantiram seu sustento. Em 1980, concluiu o doutorado em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese *A civilização da palha: a arte do trançado dos índios do Brasil* (Ribeiro, Berta G., 1980), orientada por Amadeu José Duarte Lana¹⁰. Sua pesquisa, um marco na área, investigou a relação entre a arte do trançado indígena e a cultura material dos povos do Alto Xingu e dos afluentes do Rio Negro.

A partir de 1977, sua carreira atingiu maior projeção. Segundo Van Velthem (1997), Berta transitou por temas diversos como antropologia, ecologia, museologia, arte e cultura material indígena. Ao longo de sua trajetória, publicou cinco artigos em catálogos, 17 em periódicos nacionais, cinco em periódicos internacionais, 19 capítulos de livros, nove livros e deixou três textos inéditos, incluindo sua tese de doutorado. Também organizou coleções etnográficas para o Museu Nacional, Museu do Índio e Museu Paraense Emílio Goeldi. Além disso, produziu documentários, como um filme sobre os Asuriní e os Araweté, e colaborou em animações como *Gain Panã e a origem da pupunheira*, dirigida por Luiz Fernando Perazzo e exibida no Festival Anima Mundi de 1996.

¹⁰ Amadeu José Duarte Lana (1933-2020): formado em ciências sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1955. Ministrou aulas para o curso de especialização em antropologia, que originou o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e na Universidade Estadual de São Paulo. Lanna esteve no Alto Xingu nos anos 1960 e conviveu com a crise demográfica dos indígenas Kisêdjê. Ver mais em obituário, Folha de São Paulo (2020).

Mesmo debilitada pelo câncer cerebral nos anos 1990, Berta continuou trabalhando. Escreveu o livro inédito *Índios do Brasil: 500 anos de resistência*, um compêndio de sua vasta pesquisa etnográfica. Além disso, foi membro ativo de instituições como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e conselhos editoriais de revistas científicas. Em 1995, recebeu a insígnia de Comendadora da Ordem Nacional do Mérito Científico, concedida pelo governo brasileiro, em reconhecimento à sua contribuição à ciência.

Berta Ribeiro permanece como uma figura central no estudo da cultura material na antropologia indígena brasileira, destacando-se por sua dedicação, inovação e legado intelectual.

4. BERTA RIBEIRO E A CULTURA MATERIAL DOS INDÍGENAS BRASILEIROS

Dentre as muitas atividades às quais se dedicou, Berta Ribeiro destacou-se pela reflexão sobre o papel dos museus. Desde 1986, possuía registro como museóloga no Conselho Regional de Museologia do Rio de Janeiro. Segundo Callado (2016, p. 133), ao estudar cultura material, Berta via os objetos como documentos vivos. Ela os colecionava, analisava e promovia estudos museológicos, acreditando que tais estudos poderiam apoiar a causa indígena. Para Berta, os museus eram ferramentas pedagógicas e espaços de educação pública. Como observa Van Velthem (1997), Berta esteve institucionalmente associada ao Museu Nacional e ao Museu do Índio, colaborando como pesquisadora e contribuindo com coleções para ambas as instituições. Esse interesse pela formação de acervos também se estendeu ao Museu Paraense Emílio Goeldi, para o qual doou uma valiosa coleção de objetos dos indígenas Asuriní.

Além de publicar estudos sobre esses objetos, Berta defendia que os museus poderiam educar e influenciar políticas públicas. Em maio de 1989, ao redigir o Anteprojeto do Museu de Educação para o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação (MEC), ela escreveu: “Um museu não é um arquivo morto ou uma atividade perdulária, como geralmente considerado, mas sim uma instituição com objetivos didáticos, científicos e político-polêmicos; ao mesmo tempo, um espaço de lazer e reflexão.”¹¹

¹¹ Nota da edição: esse documento é citado por vários trabalhos — por exemplo, Mello (2018); Monteiro (2024), neste mesmo volume —, mas o acesso ao original não está disponível.

Essa visão se refletiu em várias publicações, como Ribeiro, Berta G. (1985b; 1987a; 1989a; 1991b).

Berta também participou ativamente da concepção do Museu do Índio de Brasília, hoje Memorial dos Povos Indígenas, em parceria com o arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012). Segundo Callado (2016), o projeto conceitual e a organização desse museu consumiram os últimos anos de sua vida ativa. Em Ribeiro, Berta G. (1987a), é possível ler o plano diretor da instituição, onde ela enfatiza a preservação e a divulgação da cultura indígena, além de propor uma mudança nas políticas indigenistas brasileiras. Para isso, Berta utilizou suas experiências no Museu Nacional, no Museu do Índio e na exposição “Índios do Brasil: Cultura e Identidade”, realizada no Museu Pigorini, em Roma.

A formação de acervos indígenas foi um dos interesses centrais de sua carreira. Berta registrava os objetos de forma detalhada, destacando a tecnologia indígena envolvida em sua confecção e sua relação com o cotidiano e os modos de vida dos grupos estudados. Durante o projeto *Etnografia e Emprego Social da Tecnologia Indígena e Popular* (1977-1981), financiado pela Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), Berta coletou peças como cerâmicas, cestarias e armas de grupos como Wanana, Asuriní, Makú, Baniwa e Kayabí. Esses estudos deram origem a publicações importantes como Ribeiro, Berta G. (1980; 1981; 1985a; 1986a).

Nos textos sobre cestaria e trançados, Berta demonstrava como as técnicas artesanais estão intrinsecamente ligadas aos modos de vida indígena. Para ela, “existe uma correlação entre os estilos de trançado e os modos de vida [dos indígenas brasileiros]” (Ribeiro, Berta G., 1986a, p. 283). Além disso, destacava a dimensão simbólica de certos padrões ornamentais, como os Kayabí, que servem como marcas de identificação étnica e memória cultural.

Berta também contribuiu com coleções para outros museus, como o Museu do Índio, onde reuniu 26 itens dos Araweté (entre 1981 e 1985), e o Museu Paraense Emílio Goeldi, com 44 objetos dos Asuriní. Suas coleções, compostas por adornos, dentre eles muitos tembetás¹², objetos utilitários e itens rituais, eram acompanhadas por descrições

¹² Tembetá: Definição “Do tupí e do guaraní [...] composto de tembé, seu lábio inferior, e itá, pedra.” [...] Tornou-se costume chamar de tembetá todo o objeto duro e inflexível que os índios introduzem no furo artificial do beijo inferior, com exceção do botoque. O tembetá, quanto sabemos até agora, é privilégio exclusivo do sexo masculino. Em geral, a sua forma e a espécie de material (osso, concha, pedra, resina endurecida e madeira) variam segundo a idade do portador.” (Ribeiro, Berta G., 1988, p. 183).

minuciosas, incluindo o nome e a etnia dos artesãos, bem como o local exato de coleta. Essa abordagem revelava sua preocupação em contextualizar os objetos na vida social dos povos que os produziram.

Além de suas contribuições museológicas, Berta influenciou a antropologia com suas ideias sobre a relação entre cultura material e tecnologia. Inspirada pelo materialismo cultural de autores como Julian Steward e Leslie White, ela desenvolveu o conceito de TecEconomia, que engloba não apenas as ferramentas e máquinas utilizadas por uma cultura, mas também a organização e o conhecimento científico que as tornam possíveis (Ribeiro, Berta G., 1986d). Para Berta, a tecnologia produtiva representava um instrumento de adaptação ecológica, fortalecimento da coesão social e preservação da identidade cultural.

Berta também examinou o impacto do artesanato indígena no âmbito da produção mercantil. Apesar das transformações causadas pela introdução de materiais industriais, ela destacou como essa produção para venda contribuiu para a preservação cultural de diversos povos. Paralelamente, Berta explorou a influência indígena na formação da cultura nacional, abordando aspectos como culinária, medicina tradicional, arquitetura e técnicas agrícolas (Ribeiro, Berta G., 1983b; 1987e). Sua escrita reflete uma preocupação política clara: valorizar os direitos históricos e culturais dos povos indígenas no Brasil.

Por fim, Berta Ribeiro deixou um legado significativo para os estudos de cultura material indígena, sendo uma precursora da abordagem colaborativa com os povos indígenas. Ao reconhecer e valorizar os saberes e práticas locais, ela pavimentou o caminho para uma antropologia que prioriza a simetria nas relações entre pesquisadores e comunidades indígenas.

5. BERTA RIBEIRO E AS ARTES VISUAIS DOS INDÍGENAS BRASILEIROS

As artes indígenas representaram um interesse central e duradouro na obra de Berta Ribeiro. Em seus estudos sobre arte visual indígena, a autora abordou diversas categorias que, na época, eram percebidas como portadoras de maior carga simbólica e estética: pintura corporal, adornos plumários, máscaras, objetos rituais, instrumentos musicais e, sobretudo, os grafismos ou desenhos semânticos. Para Berta, o foco da análise não deveria ser a mera valorização das dimensões estéticas ou uma descrição formal, mas sim a relação entre expressão formal e conteúdo (significado). Essas relações remetem a outros aspectos,

como a organização social, a mitologia e os papéis rituais, que devem ser interpretados no contexto cultural em que estão inseridos.

A abordagem proposta por Berta, que considera as relações entre objetos, significados e contextos, permanece relevante e valorizada nos estudos contemporâneos de antropologia da materialidade¹³. Atualmente, essa perspectiva é ampliada por debates como a “virada ontológica” (Lagrou & van Velthem, 2018, p. 135), influenciada pela obra *Arte e Agência*, de Alfred Gell (1998). Essa abordagem sugere tratar os artefatos como agentes em redes relacionais, atribuindo-lhes a capacidade de abduzir as intenções humanas. Dessa forma, os artefatos não apenas refletem a cultura material, mas também possuem agência própria dentro de suas redes socioculturais.

Berta Ribeiro (Ribeiro, Berta G., 1986d, p. 15-27) enfatiza que o estudo dos signos na arte contribui para um campo mais amplo, denominado “linguagem visual”. Ela argumenta que essa linguagem está intimamente conectada aos sistemas gráficos, que funcionam como mecanismos de ordenação e comunicação de experiências culturalmente determinadas. Ao longo de sua carreira, a autora explorou a concepção da arte indígena como uma linguagem visual, destacando que os objetos de arte frequentemente se confundem com objetos utilitários. Para ela, a arte permeava todas as esferas da vida indígena, funcionando como um reflexo tanto do desejo de fruição estética quanto de uma forma de comunicação simbólica.

Essa perspectiva, ainda pouco explorada na etnologia indígena de seu tempo, buscava analisar a cultura material dos povos indígenas brasileiros de um ponto de vista estético¹⁴, mas sempre relacionado a documentos etnográficos e suas conexões com o plano mítico e a estrutura social. Sob essa ótica, que trata as manifestações estéticas indígenas como sistemas de comunicação, Berta analisou exemplos provenientes de suas pesquisas em diferentes regiões do Brasil (Ribeiro, Berta G., 1989b; 1984a; 1984b; 1986c; 1992a; 1983a).

Apoiando-se em autores como Claude Lévi-Strauss, Néstor García Canclini, Franz Boas e Pierre Bourdieu, Berta avançou no entendimento do objeto de arte como resultado

¹³ Antropologia da materialidade no sentido dos estudos que buscam compreender o lugar social dos objetos, e/ou os objetos enquanto expressões culturais e/ou como condensadores de processos de simbolização e/ou como ligados à cognição (Appadurai, 2008; Gonçalves, 2007; Clifford, 1985).

¹⁴ Maria Heloísa Fénelon Costa desenvolveu este viés. Para saber mais sobre sua trajetória, ver Veloso Jr. (2021).

da combinação entre domínio técnico da matéria-prima, estilo e intenção estética. Em suas análises, exemplificadas pela complexa cestaria dos Kayabí, Berta sugere a existência de categorias visuais com funções simbólicas e mnemônicas, configurando um sistema iconográfico que correlaciona formas e significados (Ribeiro, Berta G., 1986c).

A temática da linguagem visual também se manifesta nas análises de pintura corporal e adornos, que, segundo Berta (Ribeiro, Berta G., 1989b, p. 80-102), funcionam como marcas de identificação étnica e indicam gênero, faixa etária e status social. Esses elementos, para ela, evidenciam uma concepção indígena de corporalidade como uma construção social, em que o corpo é moldado pela comunidade e não visto como uma entidade biológica autônoma.

Em outro ponto de sua obra, Berta discute “não a homologia existente entre o rito e o mito, mas a fundamentação mítica dos objetos rituais” (Ribeiro, Berta G., 1989b, p. 103). Ela destaca que artefatos rituais possuem significados simbólicos e mensagens que cabe ao etnólogo decifrar. Esses objetos, segundo Berta, carregam informações sociológicas e mítico-religiosas, compondo uma linguagem visual que expõe a cosmovisão tribal: “essa linguagem visual ou iconográfica carrega um conteúdo semântico, estético e estilístico que comunica a identidade pessoal, social e étnica” (Ribeiro, Berta G., 1989b, p. 113).

Para Berta Ribeiro, a arte indígena é mais do que uma expressão estética. Ela é uma forma de comunicação e um sistema de linguagem que permeia quase todos os domínios da vida social e cultural dos povos indígenas. Por meio de suas análises, a autora contribuiu para o reconhecimento da arte indígena como um sistema de comunicação visual complexo, reforçando sua relevância para a compreensão das identidades e das estruturas socioculturais desses povos.

6. ECOLOGIA E ADAPTABILIDADE HUMANA NA OBRA DE BERTA RIBEIRO

Além de seu interesse pela tecnologia, Berta Ribeiro se dedicou à etnobotânica e à ecologia. Em 1959, publicou, em coautoria com J. C. de Melo Carvalho, o texto “*Curare: A Weapon for Hunting and Warfare*”. O trabalho foi resultado de sua participação no Seminário Internacional de Curare e Substâncias Curarizantes¹⁵, realizado no Museu Nacional. Nesse

¹⁵ Ver mais em França (2019).

estudo, Berta demonstrou grande interesse pelos saberes etnobotânicos dos povos indígenas brasileiros, bem como pela disseminação desses conhecimentos.

Dentre suas publicações sobre a temática ecológica, podemos citar, também, a obra *Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia* (Ribeiro, Berta G., 1990), que se destaca como o guia da exposição *Amazônia Urgente*, realizada na estação de metrô do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, na década de 1990. O livro representa um esforço significativo para tornar visível a história e o drama da floresta amazônica e de seus povos indígenas. Nele, Berta apresenta ideias claras sobre o equilíbrio ecológico, ameaçado pelo “progresso” desadaptado, e utiliza uma abordagem interdisciplinar, integrando geociências, biologia, antropologia e história ambiental. A autora propõe alternativas para o manejo sustentável da Amazônia.

Em outra obra — Ribeiro, Berta G. (1991a) —, analisa o vasto conhecimento indígena sobre o manejo vegetal e o saber etnobotânico, temas centrais para a antropologia ecológica¹⁶. O trabalho aborda o uso das plantas por parte dos indígenas, desde aquelas destinadas à alimentação — frutas, raízes e vegetais diversos — até plantas medicinais, alucinógenas, fibras têxteis e tintoriais, como o anil, além de plantas de uso industrial, como a seringueira. Essas análises revelam a ampla e sofisticada compreensão dos povos indígenas sobre a flora e seus múltiplos usos.

Antes de Berta Ribeiro, os estudos sobre a adaptabilidade humana aos trópicos úmidos (Moran, 1994) já estavam em desenvolvimento no Brasil, especialmente nos séculos XIX e XX. Nomes como Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) e Raimundo Lopes (1894-1941), no campo da antropogeografia, e Charles Wagley (1913-1991), Eduardo Galvão (1921-1976) e Luís de Castro Faria (1913-2004), na ecologia cultural, se destacaram por considerar os saberes indígenas e sua contribuição à sociedade brasileira. Gastão Cruls (1888-1959), contemporâneo de Raimundo Lopes, também contribuiu significativamente, ainda que em uma perspectiva mais próxima do naturalismo viajante.

Berta militava ativamente pela proteção dos ecossistemas e das populações amazônicas, abordando questões ecológicas, sociais e políticas como a invasão de territórios indígenas, o desmatamento, as queimadas e o garimpo ilegal. Essas

¹⁶ Antropologia ecológica pode ser conceituada, a partir de Neves (1996, p.18), como o estudo das relações entre dinâmica populacional, organização social e cultura das sociedades humanas no meio ambiente (meio ambiente entendido como qualquer elemento externo ao objeto de análise, que pode influenciar sua função ou atividade) no qual estão inseridas. A antropologia ecológica é eminentemente um exame materialista das sociedades humanas.

problemáticas, que continuam a ameaçar a Amazônia, tornaram sua obra atual e relevante para a antropologia contemporânea. Suas reflexões e práticas continuam a inspirar conexões e diálogos frutíferos.

Em uma entrevista ao programa *Tome Ciência*, da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), após receber o Prêmio “Érico Vanucci Mendes”, em 1988, Berta descreveu os povos indígenas brasileiros como “civilizações vegetais”. Nessa ocasião, ela citou um trecho do Sermão da Epifania (1662), proferido pelo Padre Antônio Vieira na Capela Real de Lisboa: “Uma árvore lhes basta para o necessário da vida: com folhas se cobrem, com frutos se sustentam, com ramos se armam, com os troncos se abrigam e sobre a casca navegam.”

Embora assumisse uma perspectiva de determinismo tecnológico, Berta preferia o conceito de TecEconomia, já citado anteriormente. Esse conceito abarcava o conhecimento e a classificação das matérias-primas, as técnicas empregadas, a divisão do trabalho, o tempo dedicado às atividades artesanais, bem como o escambo “intra e intertribal”¹⁷ e as relações com a sociedade nacional (Ribeiro, Berta G., 1986d).

Essas e outras reflexões de Berta Ribeiro conectam suas formulações do século XX aos debates antropológicos contemporâneos sobre a vida vegetal. De sua obra emerge a compreensão de que certos “processos do desenvolvimento humano oferecem hipóteses para pensar o modelo de vida a partir e com as plantas” (Shiratori, 2020, p. 6). Essa perspectiva ressalta a importância de valorizar os saberes indígenas e sua relação com a sustentabilidade e a preservação ambiental.

REFLEXÕES FINAIS SOBRE O LEGADO DE BERTA RIBEIRO

Berta Ribeiro se dedicou a descrever os modos de produção e transferência de técnicas adaptativas, abrangendo os saberes, as instituições, as crenças e os modos de fazer, que seriam frutos do contato interétnico e da miscigenação (Ribeiro, Berta G., 1983b; 1987e). A antropóloga enfatizava o que considerava o legado primordial e permanente dos povos indígenas: o amor, o respeito e a humanização da natureza enquanto fonte de recursos essenciais.

¹⁷ Expressão datada utilizada por Berta.

Na obra de Berta Ribeiro, a ecologia¹⁸ ocupa um papel central. Seu imenso interesse pelas técnicas agrícolas amazônicas destaca-se especialmente na cultura de tubérculos, como mandioca e batata-doce. Ela também explorou a intensificação da agricultura por meio da prática de lavouras múltiplas (Ribeiro, Berta G., 1987b) e do maior uso de tecnologias sustentáveis, baseadas no domínio das ferramentas, da terra, das águas dos rios e das chuvas. Para Berta, o grande desafio da floresta tropical é torná-la mais produtiva sem comprometer sua imensa biodiversidade e a infinidade de formas de vida que abriga.

Antecipando debates atuais sobre a conservação da biodiversidade, a obra de Berta Ribeiro destaca o quanto os saberes indígenas podem ensinar sobre sustentabilidade, convivência harmoniosa com o meio ambiente e respeito à natureza. Esses aspectos dialogam diretamente com os desafios contemporâneos, que envolvem pensar a Amazônia como um *nexus* de relações materiais e imateriais entre diversas formas de vida, garantindo ao mesmo tempo a subsistência digna de seus habitantes.

Análise da obra de Berta G. Ribeiro no contexto da antropologia da materialidade e da antropologia ecológica

A obra de Berta Gleizer Ribeiro apresenta uma notável contribuição para os estudos antropológicos brasileiros, especialmente no que se refere às conexões entre cultura material, arte visual e o uso social da tecnologia indígena. Seu trabalho dialoga diretamente com as correntes contemporâneas da antropologia da materialidade (Appadurai, 2008; Gonçalves, 2007; Clifford, 1985) e da antropologia ecológica (Shiratori, 2020; Neves, 1996; Moran, 1994), oferecendo insights cruciais sobre a relação entre objetos, técnicas e o ambiente.

Na antropologia da materialidade, Berta Ribeiro é pioneira ao tratar os objetos indígenas não apenas como elementos utilitários, mas como portadores de significados simbólicos e de agência. Em sua análise da cestaria e dos trançados dos povos indígenas (Ribeiro, Berta G., 1980), ela demonstra como as formas e os padrões ornamentais se relacionam intrinsecamente aos modos de vida e às identidades étnicas. Essa abordagem ressoa com a “virada ontológica” na antropologia contemporânea, que, influenciada por Alfred Gell, considera os artefatos como agentes dentro de redes relacionais. Berta expandiu essa visão ao conectar a produção material à organização social e aos sistemas de

¹⁸ Ecologia no sentido do estudo das relações que seres vivos estabelecem entre si e com o meio em que vivem.

conhecimento, mostrando que os objetos são simultaneamente veículos de expressão estética e de comunicação simbólica.

No âmbito da antropologia ecológica, a obra de Berta Ribeiro enfatiza a adaptabilidade humana aos trópicos úmidos, destacando o papel dos etnosaberes na gestão sustentável dos recursos naturais. Sua pesquisa integra disciplinas como a etnobotânica, demonstrando como os povos indígenas utilizam o vasto conhecimento sobre a flora para alimentação, medicina e produção artesanal. Ela também propõe o conceito de TecEconomia, como vimos anteriormente, que engloba não apenas as técnicas empregadas, mas também a organização social e o impacto ambiental dessas práticas. Essa abordagem multidimensional antecipa debates contemporâneos sobre a sustentabilidade e a convivência harmoniosa entre culturas humanas e ecossistemas.

A relação entre as perspectivas material e ecológica na obra de Berta Ribeiro é central para compreender sua contribuição. Por exemplo, ao explorar as “artes da vida” — cerâmica, trançado, fiação, tecelagem e plumária —, Berta une as dimensões técnicas e estéticas dos objetos às questões de sustentabilidade ambiental. Os artefatos, nesse contexto, são analisados como expressões de uma integração profunda entre o material e o imaterial, entre a prática cultural e o meio ambiente.

A atualidade do pensamento de Berta reside em sua capacidade de criar pontes entre a antropologia e os debates ecológicos, tão caros às nossas ciências na contemporaneidade. Ao propor que os etnosaberes indígenas oferecem lições valiosas para práticas sustentáveis, Berta Ribeiro posiciona sua obra como um farol para o enfrentamento das crises ambientais contemporâneas. Assim, seus estudos permanecem como referências indispensáveis para uma antropologia engajada com a valorização dos saberes dos povos originários e a preservação dos ecossistemas.

Dessa forma, a obra de Berta Gleizer Ribeiro representa uma contribuição inestimável para os estudos de cultura material, arte visual e adaptabilidade humana no Brasil do século XX. Por meio de suas pesquisas, ela utilizou os saberes dos povos indígenas brasileiros como fio condutor para propor à sociedade um uso social da tecnologia indígena, promovendo formas mais sustentáveis de coexistir com a natureza e explorar seus recursos de maneira não predatória. Sua visão sobre a integração de técnicas indígenas e a adoção de estratégias de adaptabilidade bem-sucedidas representa uma solução visionária para a exploração desenfreada do meio ambiente.

Neste ano de 2024, celebramos o centenário de nascimento dessa grande mulher. Homenagear Berta é também homenagear todas as mulheres que se dedicam à produção

científica no Brasil e no mundo. Celebrar sua vida e legado é reconhecer o papel fundamental das mulheres na pesquisa e na educação. Que a memória e a obra de Berta Gleizer Ribeiro continuem inspirando gerações de pesquisadoras. Hoje e sempre: viva Berta!

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Stella de. (1998). Berta Ribeiro: Identidade Desana (Homenagem). *Boletim da ABA*, n. 29.
- APPADURAI, Arjun. (2008). *A Vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universal Federal Fluminense.
- CALLADO, Ana Arruda. (2016). *Berta Ribeiro: aos índios, com amor: uma biografia*. Rio de Janeiro: Batel.
- CARVALHO, J.C. de Melo Carvalho; RIBEIRO, Berta G. (1959). Curare: a Weapon for hunting and Warfare. In: BOVET, D. et al. (Orgs.). *Curare and Curare-like Agents*. Amsterdam, p. 34-59.
- CLIFFORD, James. (1985). Objects and selves: an afterword. In: STOCKING, G. (Org.). *Objects and others: essays on museums and material culture*. Madison: The University of Wisconsin, p. 236-246.
- COELHO, Haydée Ribeiro; ROCCA, Pablo. (2015). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. 1ª ed. São Paulo: Global
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon Costa. (1986). O Sobrenatural, o Humano e o Vegetal na Iconologia Mehináku. In: RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. 1986. *Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia*. Petrópolis: Vozes/Finep. p. 239-263
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon Costa; MALHANO, Hamilton Botelho. (1986). A habitação indígena brasileira. In: RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. 1986. *Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/Finep. p.27-92
- DINES, Alberto. (2008). *Morte no Paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- FARIA, Luiz de Castro. (1996). Maria Heloisa Fénelon Costa (1927-1996). *Anuário Antropológico*. v. 21, n. 1, 1997. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6676>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- FOLHA DE SÃO PAULO. (2020). Obituário, 19 mar. 2020. São Paulo: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/mortes-preservou-a-docura-do-mineiro-e-o-amor-pela-familia.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- FRANÇA, Bianca Luíza Freire de Castro. (2019). O Complexo do Curare: Contribuições de um Estudo Antropológico para as Ciências do Século XX. In: STRICKLER, Andrei (Org.). *Ciência, Tecnologia e Inovação: Desafio para um Mundo Global 2*. São Paulo: Editora Atena.

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. (2023). *“Uma civilização vegetal”: a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX*. Tese (doutorado) – Escola de Ciência Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

GELL, Alfred. 1998. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. (2007). *Antropologia dos objetos: Coleções, Museus e Patrimônios*. Rio de Janeiro: BIB, p. 5-25.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. (2008). Os museus etnográficos, os povos indígenas e a Antropologia: reflexões sobre a trajetória de um campo de relações. In: Museu, Identidades e Patrimônio Cultural. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Supl. 7, p. 21-33.

LAGROU, E., VAN VELTHEM, L. H. (2018). Artes indígenas: olhares cruzados. *BIB*, São Paulo, n. 87, p. 133-156.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. (2018). Arte indígena nos livros de Berta Ribeiro: uma sintética discussão na coleção da Biblioteca Marechal Rondon. 6º Seminário de Informação em Arte. Instituto Cervantes, Rio de Janeiro.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. (2000). A universidade no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, mai-ago 2000, nº 14. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbedu/a/SjbNJRqbdKVKtLrFskfxLJ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 19 dez 2024.

MICHAELIS. (2005). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. (2024). Berta Gleizer Ribeiro: conciliando o saber e o fazer. Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política, vol. 25, nº 3, set-dez 2024.

MORAN, Emílio F. (1994). *Adaptabilidade Humana: Uma introdução à Antropologia Ecológica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MORGAN, Lewis H. (1877). *Ancient Society: Or Researches in the Line of Human Progress From Savagery Through Barbarism to Civilization*. Nova Iorque: Henry Holt and Company.

NEVES, Walter. (1996). *Antropologia Ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas*. São Paulo: Cortez.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. (2020). Proteger os Índios e Descolonizar a Pesquisa: Darcy Ribeiro como Antropólogo. *Revista Mundaú*, n. 8, p. 22-41. Disponível em:

RIBEIRO, Berta G. (1957). Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, vol. 43, p.59-128.

RIBEIRO, Berta G. (1980). *A civilização da palha: A arte do trançado dos índios do Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Berta G. (1981). O artesanato cesteiro como objeto de comércio entre os índios do alto rio Negro, Amazonas. *América Indígena*, vol. 61, n.2, p. 289-310.

RIBEIRO, Berta G. (1983a). Artesanato Indígena: Para que, para quem?. In: RIBEIRO, Berta G. *O Artesão Tradicional e seu papel na Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF., p. 11-48.

- RIBEIRO, Berta G. (1983b). *O índio na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Global.
- RIBEIRO, Berta G. (1984a). Arte gráfica Juruna. In: Catálogo da Exposição Arte e Corpo: Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. Rio de Janeiro: FUNARTE, p. 15-82.
- RIBEIRO, Berta G. (1984b). Arte gráfica Kadiwéu. In: Catálogo da Exposição Arte e Corpo: Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. Rio de Janeiro: FUNARTE, p. 39-46.
- RIBEIRO, Berta G. (1985a.). *A Arte do Trançado dos Índios do Brasil: um estudo taxonômico*. Belém: MPEG
- RIBEIRO, Berta G. (1985b). Museu: Veículo comunicador e pedagógico. *Revista Brasileira de Pedagogia*, vol. 66, n.152, p. 77-98.
- RIBEIRO, Berta G. (1986a). A Arte de Trançar: Dois macroestilos, dois modos de vida. In: RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). *Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/ FINEP, p. 283-313.
- RIBEIRO, Berta G. 1986b. Artes Têxteis Indígenas do Brasil. In: RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). *Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/ FINEP, p. 351-389.
- RIBEIRO, Berta G. (1986c). Desenhos Semânticos e Identidade Étnica: o caso Kayabí. In: RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). *Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia*. Petrópolis: Vozes/ FINEP, p. 265-286.
- RIBEIRO, Berta G. (1986d). A linguagem simbólica da Cultura Material. In: RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). *Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia*. Petrópolis: Vozes/ FINEP, p. 15-28.
- RIBEIRO, Berta G. (1987a). Museu do Índio, Brasília. *Cadernos RioArte*, vol. 3, n. 7.
- RIBEIRO, Berta G. (1987b). Classificação dos Solos e Horticultura Desâna. Simpósio ABA/ANPOCS/Museu Goeldi: Pesquisas recentes de etnologia e história indígena da Amazônia.
- RIBEIRO, Berta G. (1987c). *O índio na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Unibrade/BRADESCO.
- RIBEIRO, Berta G. (1988). *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/EDUSP.
- RIBEIRO, Berta G. (1989a). Museu e Memória. Reflexões sobre o colecionamento. *Ciências em Museus*, vol.1, n.2, p. 109-122
- RIBEIRO, Berta G. (1989b). *Arte Indígena, Linguagem Visual*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/EDUSP.
- RIBEIRO, Berta G. (1990). *Amazônia Urgente: Cinco séculos de história e ecologia*. Editora Itatiaia/EDUSP.
- RIBEIRO, Berta G. (1991a). Ao vencedor, as batatas! Plantas ameríndias oferendas à humanidade. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Fascículo 1- 4, vol.31, p. 99-112.
- RIBEIRO, Berta G. (1991b). Coleções Museológicas: Do estudo à exposição. *Ciências em Museus*, vol. 4, p. 32-41.

- RIBEIRO, Berta G. (1991c). Literatura Oral Indígena: O exemplo Desâna. *Ciência Hoje*. Volume especial Amazônia, p. 32-41.
- RIBEIRO, Berta G. (1992a). A Mitologia Pictórica dos Desâna. In: VIDAI, Lux (Org.). *Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia estética*. São Paulo: Nobel. p. 35-42.
- RIBEIRO, Berta G. 1992b. As Artes da Vida do Indígena Brasileiro. In: GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, p. 135-144.
- RIBEIRO, Berta G. (1994). *Índios do Brasil: 500 anos de resistência* (inédito).
- RIBEIRO, Berta G.; KENHÍRI, T. (1987). Chuvas e constelações. *Ciência Hoje*, vol. 36, p. 26-35.
- RIBEIRO, Berta G.; KENHÍRI, T. . (1991). Chuvas e Constelações: Calendário econômico dos índios Desâna. *Ciência Hoje*, Volume especial Amazônia, p. 14-23.
- RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. (1986a). *Suma Etnológica Brasileira I: Etnobiologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/Finep.
- RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. (1957). *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Seikel.
- RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. (1986b). *Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/Finep.
- RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. (1986c). *Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia*. Petrópolis: Vozes/Finep.
- RIBEIRO, Darcy. (1977). *Os índios e a Civilização*. Petrópolis, Vozes.
- RIBEIRO, Darcy. (1978). *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- RIBEIRO, Darcy. (2012). *Confissões*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SHIRATORI, K. (2020). Vegetalidade humana e o medo do olhar feminino. In: *Vozes Vegetais. Diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: UBU Ed, p. 228-244.
- STEWART, Julian H. (1948a). *Handbook of South American Indians. The Circum-Caribbean Tribes*. Washington DC: Smithsonian Institution, vol. 4.
- STEWART, Julian H. (1948b). *Handbook of South American Indians. The Comparative Ethnology of South American Tribes*. Washington DC: Smithsonian Institution, Vol. 5.
- VAN VELTHEM, Lucia H. (1997). Berta Gleizer Ribeiro. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro, p. 365-372.
- VELOSO JR., Crenivaldo Régis. (2021). *O “artesanato da produção acadêmica”: histórias, coleções e saberes na trajetória de Heloísa Fénelon*. 2021. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Bianca Luiza Freire de Castro França

Doutora em História, Política e Bens Culturais, diretora e produtora do documentário “Para Berta, com amor”.